

O baile do *Kerb* como espaço de memória: Continuidades, permanências e transformações por meio de dois eixos de análise

Cyanna FOCHESTATTO*

Resumo: Este trabalho pretende compreender a representação e a importância do baile do *Kerb* por intermédio de dois eixos analíticos. O primeiro refere-se ao baile representado pelo artista gaúcho Pedro Weingärtner, em 1892. O baile exposto nas telas apresenta diversos elementos de investigação que colaboram para compreender hábitos e costumes da comunidade teuta no século XIX. Nesse caso, o baile pode ser estudado como uma memória retratada, além de ser um espaço de sociabilidade e de manutenção da cultura e da identidade germânica. O segundo eixo de análise aborda a festa do *Kerb* existente nos dias atuais, especialmente nos municípios do interior do Rio Grande do Sul. Busca-se o entendimento dos elementos de permanência, e aqueles que passaram por alguma transformação ao longo dos últimos anos nos bailes do *Kerb*, atentando, também, para as mudanças na função do baile para as comunidades, no Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: *Kerb*. Pedro Weingärtner. Memória. Transformações.

The *Kerb* dance as site of memory: Continuities, permanencies and transformations through two lines of analysis

Abstract: This paper aims to understand the representation and the importance of *Kerb* dance through two analytical. The first refers to the dance represented by the *gaucho* artist Pedro Weingärtner, in 1892. The dance exposed on the painting presents various research elements that collaborate to understand the habits and customs of German community in the 19th century. In this case, the dance may be studied as a depicted memory, besides being a site of sociability and maintenance of Germanic culture and identity. The second line of analysis focuses on the feast existing today, especially in the municipalities in the countryside of Rio Grande do Sul state. The aim is to understand the elements of permanence and those which have undergone some transformation over the past few years of the *Kerb* dances, also paying attention to the changes in the function of the dance to communities in Rio Grande do Sul.

* Doutoranda em História da UNISINOS, bolsista CAPES – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Av. Unisinos, 950 – Cristo Rei – São Leopoldo, RS, Brasil. E-mail: cyanna.mf@gmail.com

Keywords: *Kerb*. Pedro Weingärtner. Memory. Transformations.

Introdução:

Este texto pretende compreender o baile do *Kerb* partindo de dois eixos de investigação. O primeiro ocorre mediante análise da tela intitulada *Kerb*, de Pedro Weingärtner, datada do ano de 1892, na qual foi representada uma cena do típico baile alemão, no Rio Grande do Sul. Nessa perspectiva, pretende-se conhecer a festa, bem como sua função para a comunidade germânica no Rio Grande do Sul, na transição do século XIX para o XX. Um dos objetivos é buscar compreender a função do baile na sociedade para além de um espaço de festejo, mas como um local de sociabilidade, de manutenção de laços sociais, e também como uma memória retratada por meio de uma pintura. O segundo eixo de análise desta pesquisa busca compreender o modo como o festejo do *Kerb* foi passando por um processo de transformação e de (re)apropriação de algumas de suas características. Busca-se, portanto, tratar essas questões da festa nos dias de hoje. O baile do *Kerb* pode ser considerado como espaço de reafirmação da cultura e da identidade do grupo teuto-brasileiro. Percebeu-se, ao longo da pesquisa, que a forma como o baile foi representado por Weingärtner passou por uma significativa transformação, sendo hoje difícil encontrar aquele modelo pelo pintor retratado, embora alguns elementos fundamentais da cultura teuta tenham permanecido e sido reproduzidos nas *Kerbs* contemporâneas. As mudanças ocorreram na tentativa de acompanhar as próprias transformações da sociedade, e da geração de descendentes deste grupo, que também necessitaram inserir novos elementos para que a festa tivesse um maior alcance, e atendesse as necessidades turísticas e de mercado.

A utilização de imagens como fonte para a história se faz bastante recente no cenário historiográfico, sobretudo por não ser considerada uma importante fonte de pesquisa, sendo ainda o documento escrito que prevalece na produção historiográfica. Por muito tempo esse tipo de fonte foi utilizado apenas como ilustração para as pesquisas históricas, mas não como fonte primordial de análise e investigação. Ao longo das últimas décadas, esse cenário vem se alterando, especialmente na área da história cultural que tem apontando relevantes produções que se utilizam das imagens como fonte para a produção do conhecimento. Torna-se, portanto, relevante atentar para o papel dessa delicada fonte de pesquisa, nas palavras de Sandra J. Pesavento (2008, p. 99) “[...] as imagens são, e têm sempre, um tipo de linguagem, ou seja, atestam uma intenção de comunicar, que é dotada de um sentido e é produzida a partir de uma ação humana intencional.” Nesse sentido, como qualquer outra fonte, as imagens necessitam ser problematizadas e discutidas dentro

de seu contexto de produção, com metodologia específica e apropriada. Alguns autores vêm discutindo essas questões em seus estudos, e fazendo contribuições para esse campo de pesquisa. Nesse caso, Peter Burke (2004), Jean-Claude Schmitt (2007) e Jacque Aumont (2000) têm dialogado sobre as relações entre história-imagem.

A linguagem das imagens é composta por signos que portam um significado, e que cabe ao historiador desvendar, interpretar e analisar. Assim, as imagens necessitam ser pensadas dentro de seu contexto de criação, atentando sempre para aquele que a criou, e para sua função na sociedade, seja ela pedagógica, histórica, política, etc. Eduardo França Paiva (2004, p. 17) afirma que: “A iconografia é, certamente, uma fonte histórica das mais ricas, que traz embutida as escolhas do produtor e todo o contexto no qual foi concebida, idealizada, forjada ou inventada.”

Em outro momento, Pesavento (2008, p. 109) trata da questão da leitura das imagens, e afirma:

Textos e imagens, como narrativas que são, fazem-se acompanhar de saberes específicos e de habilidades técnicas próprias: o ato de ler, com seu simbolismo de códigos, analogias e convenções; a composição da imagem, com suas técnicas, regras, convenções e formas de educar o olhar.

Maria Inez Turazzi (2009), ao estudar as estampas do catálogo da *Exposição de História do Brasil*, do século XVIII, discorre sobre a importância das imagens enquanto patrimônio:

Não obstante, não há exagero na afirmação de que as imagens, em todas as suas modalidades (pintura, gravura, fotografia, escultura, etc), não somente participaram da construção da ideia de patrimônio no imaginário coletivo, como também da ampliação desta ideia muito além de sua configuração material, isto é, para outros domínios da existência humana onde toda a diversidade de bens culturais de uma comunidade pode ser englobada. (TURAZZI, 2009, p. 40).

Assim, as imagens colaboram na construção de uma identidade visual brasileira, no caso das pinturas de Weingärtner vão colaborar para a construção de uma imagem do Rio Grande do Sul, na qual o imigrante europeu e sua cultura serão amplamente representados pelo pintor. Dessa forma, é possível perceber que essas representações seriam também formadoras de um sentimento de identidade coletiva. Nesse caso, entende-se por representação, nas palavras de Roger Chartier (1996, p. 78) quando se fala do duplo sentido, e de uma dupla função da representação: “[...] hacer presente una ausencia, pero también exhibir su propia presencia como imagen, y construir con ello a quien la mira como

sujeto mirado.” Esse termo vem igualmente sendo amplamente discutido nas pesquisas de história cultural, sendo ele absolutamente indispensável para pesquisa de análise iconográfica.

É importante também discorrer sobre o que se entende por festa, nesta pesquisa, uma vez que o baile *Kerb*, representado por Weingärtner, é tema de investigação mediante dois eixos distintos analíticos. Temos, pois, nas palavras de Norberto Guarinello:

Festa é, portanto, sempre uma produção do cotidiano, uma ação coletiva que se dá num tempo e lugar definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes. Festa, portanto, produz identidade. [...] O que chamamos de festa é parte de um jogo, é um espaço aberto no viver social para a reiteração, produção e negociação das identidades sociais. (GUARINELLO, 2011, p. 972).

Nesse sentido, nas linhas que seguem será analisada a tela *Kerb*, representando o baile típico das comunidades teuto-brasileiras, que foi retratado pelo artista gaúcho de descendência alemã Pedro Weingärtner.

O *Kerb* de Pedro Weingärtner

Nas pinturas de Pedro Weingärtner percebe-se que ele retrata, entre outros temas, os imigrantes europeus no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, representa a forma como se estabeleceram; as suas práticas cotidianas e culturais; as festas, como o *Kerb*; o interior de vendas; e outras representações socioculturais do imigrante. Ainda assim, essas pinturas não podem ser vistas como verdades absolutas ou retratos inquestionáveis, mas sim podem ser consideradas como uma forma de representação de determinada época, como uma memória produzida por meio de um patrimônio iconográfico, e que representa uma identidade, neste caso, a teuto-brasileira. Seyferth (1994) trata a identidade étnica como formada separadamente da brasileira:

Essa duplicidade da noção de pátria inclui os dois princípios que regem a identidade étnica: uma pequena pátria alemã no Brasil (as regiões de colonização alemã) construída pelo esforço coletivo dos pioneiros, e a pátria brasileira, que remete à cidadania referenciada pelo direito de solo. Significativamente, ao final do século XIX algumas publicações passaram a empregar um termo alternativo para essa espécie nova de germanidade – *Dectschbrasilianetum*, apontando para a distintividade tanto em relação aos cidadãos da Alemanha como em relação aos brasileiros; uma distintividade

claramente associada à experiência da colonização. (SEYFERTH, 1994, p. 7).

Essa via dupla de identidade étnica que, por ora mantém os traços culturais vindos da Alemanha no Brasil, e por ora é manifestada por meio da afirmação da identidade brasileira, que está fortemente vinculada à posse de terra, é uma das possibilidades de leitura de diversas telas de Weingärtner, pois representa o colono tanto vinculado à terra brasileira, como também evidencia os costumes da Alemanha, como por exemplo, na tela *Kerb*. Maltzahn percebe uma busca por pares ao tratar a identidade étnica, pois a identidade estaria fortemente ligada à ideia de pertencimento à determinada comunidade ou grupo: “[...] estabelecem a fronteira étnica e buscam identificar as pessoas que a integram, isto é, o pertencimento do teuto-brasileiro ao grupo desta comunidade e não a ‘outro grupo.’”. (MALTZAHN, 2011, p. 69). O baile do *Kerb* pode ser pensado dessa forma, como uma reafirmação da identidade teuta, onde ocorria uma identificação de seus pares. Na tela aqui analisada, nota-se um personagem negro espiando a cena do baile pela janela, e pode-se inferir que aquele personagem – que não pertence ao grupo alemão – não tem permissão para entrar na festa, pois o espaço em discussão não lhe pertence, não identifica sua cultura e sua identidade.

Pedro Weingärtner foi um pintor de origem alemã, nascido no Rio Grande do Sul, em 1853, esteve parte de sua vida entre o Brasil e a Europa, este último local foi onde aprimorou seus estudos com grandes mestres da época, e que manteve seu atelier. Gostava de retratar o que seu olhar captava, e gostava de pinturas narrativas e bem detalhadas, sempre partindo de esboços prévios ou mesmo fotografias. Pintou temáticas regionais, como o imigrante, o gaúcho, a vida cotidiana e social do Sul do país. Além disso, retratava temas clássicos e mitológicos. Ele viveu entre a transição do século XIX para o XX, morrendo em Porto Alegre, no ano de 1929 (GUIDO, 1956). Possivelmente, em virtude de sua biografia e de sua descendência teuta, a imagem do imigrante europeu, mais especificamente do alemão, tenha tido um papel relevante em sua produção pictórica.



Figura 1: *Kerb*.

Fonte: Weingärtner, Pedro. *Kerb*, 1892. Óleo sobre tela, 75 x 100 cm. Coleção Sergio e Hecilda Fadel. Rio de Janeiro, RJ.

Essa tela representa uma cena de um baile alemão trazido para o Brasil, onde diversos aspectos culturais, sociais e artísticos estão presentes nessa representação. Essa pintura não deixa de ser um patrimônio cultural, um lugar de memória e de identidade criada em determinado espaço e tempo. A tela aqui analisada abre as portas para entendermos a importância do baile do *Kerb* como um espaço de comemoração, sociabilidade, e afirmação de laços sociais, além de ser também um registro da manutenção da cultura e da identidade alemã no Brasil; um espaço de representação e de memória.

A pintura *Kerb*, que teve “[...] sucesso imediato ao ser exposto no Rio de Janeiro.” (TARASANTCHI, 2009, p. 84), designa uma espécie de festa religiosa e familiar ao mesmo tempo, e foi incorporada como atividade característica das comunidades de imigrantes alemães, tendo sido introduzida em território brasileiro pelos próprios imigrantes. O *Kerb*¹, foi uma das maiores festas da zona colonial alemã, tendo a duração em média de três dias. A organização da festividade era cuidadosamente elaborada, oferecendo uma grande variedade de comidas típicas da Alemanha, como as cucas, pães e bolos, as linguiças. A fartura alimentar era marca registrada da festa, e também não poderiam faltar as cervejas alemãs, em especial *malzbier*. Elaborava-se uma delicada decoração, que também era motivo de atenção e empenho dos organizadores. Vinham parentes, famílias inteiras e amigos de longe para participar das comemorações, sendo a organização do espaço interno

da casa fundamental para abrigar os visitantes. Entre os acontecimentos que ocorriam no período das festividades, podemos afirmar que:

Além da religiosidade, o *Kerb* dos primeiros anos contava com as comidas típicas basicamente produzidas na localidade, música folclórica alemã (bandinha alemã), fogos de artifício (na época, também produzidos na localidade por Alberto Kochhann, ou Bertinho). Também se vestiam trajes festivos em comemoração à data, além de enfeitar as casas com flores e (até hoje) pintando-se de branco a cal a parte inferior do caule das árvores ao redor das residências e da sede comunitária [...] (SCHOMMER, 2013, s/p).

Nos dias de festa, o colono tinha a chance de relembrar sua terra de origem, já que diversos aspectos eram reproduzidos similares aos que ocorriam na Alemanha, como as canções, os hábitos alimentares, e as vestimentas. Os dias de festa eram marcados por muita fartura, mas isso não significava que durante todo o resto do ano essa fartura se repetiria. Os bailes do *Kerb* também desempenhavam um importante papel na sociabilidade dos colonos; pois além de ser um ambiente para conversar e dançar, muitas vezes ocorriam “arranjos” de casamentos ou até se fechavam negócios durante o baile (MENASCHE; SCHMITZ, 2007).

Outro hábito decorrente das festividades era o uso de roupas novas, compradas ou confeccionadas pelas próprias famílias. Nesta tela, é possível perceber que as vestimentas eram destaque nas festas e, entre outras coisas, demonstravam o *status* social. Sobre as vestimentas, nas palavras de Joana Bosak, ao estudar a moda no oitocentos através da tela *Kerb*, de Weingärtner, afirma que:

Na tela a festa mescla histórias, etnias, identidades: roupas europeias, “da moda”, com bombachas, xales espanhóis; chinocas, prendas e colonas. Talvez, em termos de indumentária, seja a tela mais significativa de Weingärtner, já que dialoga com as diferentes culturas pelas quais o artista dialogou em suas perambulações pelo Rio Grande do Sul. (BOSAK, 2015, p. 7).

A pintura *Kerb* ainda é rica em informações das cenas do cotidiano, estando apresentadas duas tipologias e identidades distintas que contribuíram para formação rio-grandense, interagindo no mesmo ambiente: o gaúcho e o colono. A descrição da obra, segundo Guido, mostra que o pintor não teria se preocupado apenas com a descrição das indumentárias e do ambiente bem detalhado, mas também em representar esses dois tipos:

O grupo é típico e significativo de duas raças que se vinculam: a de origem germânica, representada nas jovens colonas, de pé, sob o grande

lampadário ao qual se pendurou uma garrafa de champanha, e a tipicamente gaúcha com seu traje tradicional. Um dos gaúchos, de pala, bombachas, chapéus na cabeça e lenço ao pescoço, oferece o braço a uma das jovens colonas, convidando-a a dar começo à dança. [...] ressaltando claro o propósito do artista de representar fielmente um ambiente humano com as suas diferenças étnicas e contrastes típicos de indumentária que caracterizam o encontro de dois elementos fundamentais na formação da civilização rio-grandense: o gaúcho da região pampeana e o colono das zonas rurais da serra; o homem de pala e de bombachas e o que ainda usa os trajes do seu país de origem. (GUIDO, 1956, p. 61-62).

Ramos (2000), ao tratar da Sociedade Orpheu², em São Leopoldo, como espaço de sociabilidade dos grupos de elite teuto-brasileiras, entre os séculos XIX e XX, definiu que os clubes são espaços de representações locais de uma elite, que ao longo do século XIX alcançou determinado *status*, poder econômico, e poder político. Esses grupos ascendentes necessitariam de um espaço próprio de trocas e de sociabilidade, e um local de demarcação da nacionalidade alemã. Nesse sentido, a Sociedade Orpheu tornou-se o ambiente de representar o crescimento social, econômico e político diante da sociedade (RAMOS, 2000, p. 251). Ramos ainda discorre sobre a importância da Sociedade Orpheu entre as comunidades teuto-brasileiras enquanto espaços de sociabilidade e de lazer: “[...] Banquetes, bailes, festivais, teatro, concertos, *Kerb*, tudo acontecia em seus salões. Era o “espaço-mor” da sociabilidade, nesse período, e, portanto, o espaço de visibilidade das elites leopoldenses.” (RAMOS, 2000, p. 233).

A importância da festa para a comunidade de imigrantes europeus também pode ser pensada sob a ótica de Luis Fernando Beneduzi (2011), que pesquisa as comunidades ítalo-brasileiras, analisando as questões de nostalgia que ocorrem no processo de saída da Europa para o Brasil. A noção de nostalgia passada pelos imigrantes italianos teria seguido o seguinte processo de sensação de perda da terra natal: “[...] nostalgia-sentimento – a dor do não retorno a um mundo concreto – o *paese* – e um mundo simbólico – o lugar da infância perdida.” (BENEDUZI, 2011, p. 249). Um dos elementos para amenizar essas sensações seria a recriação de espaços físicos para aplacar o sentimento de perda daqueles imigrantes que tiveram que sair de sua terra, como ocorreu em algumas comunidades italianas no Rio Grande do Sul. A reconstrução de passos, ritos e espaços, pode também ser vista por meio da festa do *Kerb* que seria o local da comunidade germânica de reviver a sua cultura, resgatar e recriar a sua memória da Europa. Nesse sentido, Beneduzi (2011, p. 235) acredita que:

Os momentos de mudança trazem consigo um processo de perda e de reestruturação de vida, tanto em uma dimensão pessoal quanto em uma vivência no espaço coletivo. Dentro de uma nova realidade, as circunstâncias passadas, em acúmulo de experiências, sofrem um

fenômeno de tradução, a partir das necessidades do tempo presente. [...] Com isso, as sociedades experimentam, em momentos de crise, um sentimento de nostalgia de um mundo passado, o qual imageticamente e visto como o paraíso perdido.

Além da ideia de nostalgia que incute no indivíduo a necessidade da recriação de hábitos e de espaços que representem o mundo passado ao qual estavam inseridos, ocorre também a construção de uma memória. Tal qual o termo representação, é visível o crescimento da investigação sobre a memória. Esse tema vem sendo trabalhado com base em diversas problematizações que se encontram ancoradas em posicionamentos teóricos diversos, como em Nora (1993), Halbwachs (2006), Ricoeur (2007), Candeau (2011), e muitos outros. Nesse mosaico, buscou-se encontrar o conceito de memória que mais se aproxime da necessidade de se compreender as imagens também como uma memória: a de um indivíduo que, por certo, representa uma memória – seja ela ora individual ora coletiva, seja, ainda, uma memória individual que se tornou coletiva no momento que determinados grupos (nesse caso os teuto-brasileiros) passam a se identificar com a memória individual de Weingärtner.

As articulações entre memória individual e coletiva são abordadas no momento em que, embora o indivíduo traga consigo a lembrança, a mesma está sempre interagindo com a sociedade, pois: “[...] nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos.” (HALBWACHS, 2006, p. 30). A memória individual, por sua vez, estaria vinculada a diferentes contextos e participantes, podendo ocorrer uma transposição da memória pessoal ao convertimento de um conjunto de acontecimentos compartilhados por um ou mais grupos, sendo assim, ela transmutaria de individual para coletiva (HALBWACHS, 2006). Assim, a memória coletiva representa a memória de um grupo no qual cada indivíduo deve se identificar com ela.

Em outro momento, abordando as memórias guardadas e trazidas do além-mar pelos imigrantes italianos, Beneduzi (2011) discorre sobre esses bens culturais conservados pelos grupos ítalos, que buscaram preservar uma determinada memória:

Esses bens culturais que se constituíram em lugares de memória da imigração envolvem estruturas simbolicamente significadas, as quais constroem uma ligação mnemônica com a terra de partida. Em um sentido de pacificação de uma nostalgia da pátria perdida, o fenômeno da imigração e norteado por *lincks* – cantos, ritualismos, tradições populares, mitos, relações de sociabilidade e solidariedade – que vinculam a terra de partida a de chegada. (BENEDUZI, 2011, p. 250).

A importância de preservar a memória em busca da reconstrução de espaços de lembranças entre as comunidades também pode ser considerada por meio da formação de uma memória oficial, na qual o mundo cotidiano e a permanência de vestígios da tradição devem ser preservados entre as comunidades das colônias. (BENEDUZI, 2011). Ocorre, portanto, uma reconstrução física em virtude da nostalgia dos que deixaram a pátria, e busca-se, por intermédio dessa reconstrução, encontrar e reviver, em memória, os bons momentos, glorificando a cultura e a terra deixada para trás, marcando esses locais como lugares de nostalgia dos imigrantes.

Esse cenário apresentado apresenta diferentes formas de estratégias criadas pelos imigrantes na tentativa de preservação da sua identidade. Ao estudar as bandas em São Carlos, nas festas do *Kerb* da comunidade teuta, Juçara Nair Wolf (1999) afirma que a prática da formação das bandas, quando pensada pela sua importância para a coletividade, poderia ser vista da seguinte forma: “Estas experiências de ensaiar, de reunir, de praticar, podem fazer parte das estratégias de sobrevivência de uma identidade cultural.” (WOLF, 1999, p. 75). Sob a perspectiva da união, necessária aos primeiros imigrantes, Wolf trata a formação as bandas e os encontros anuais da festa como uma forma de vencer o “isolamento”³ que, sobretudo as áreas rurais, sofriam, sendo importante para a união dos grupos de imigrantes, em especial ao longo do século XIX. Assim, disserta sobre o baile do *Kerb* da seguinte maneira:

Nas colônias alemãs no Rio Grande do Sul, o *Kerb*, em sua “significação mais profunda” [...] estava associado à manutenção dos laços de solidariedade e na fuga de um completo isolamento, causado pelas distâncias entre as propriedades dos primeiros colonos imigrantes do Rio Grande do Sul. (WOLF, 1999, p. 79).

A seguir, destaca-se um recorte de jornal retirado do *site* de Felipe Kuhn Braun, que possui um significativo acervo de imagens referentes à imigração alemã no Rio Grande do Sul, mostrando uma reunião dos teuto-gaúchos na festa do *Kerb*, em 1900, em Nova Petrópolis. O recorte aponta um grupo de imigrantes alemães nas ruas, possivelmente indo em direção à capela, uma vez que a missa era um rito muito importante para a abertura do baile do *Kerb*, ou indo rumo ao salão, após a missa.



KERB NOS IDOS DE 1900 - A foto histórica para Nova Petrópolis registra um dos momentos em que a comunidade toda se reunia para comemorar o dia do padroeiro do município e relembrar o passado e cultivar os costumes trazidos pelos imigrantes. A foto traz curiosidades da época: no centro estão três padres, à frente a banda de música e uma criança entre eles. A direita, as mulheres - de branco as mais jovens e vestidas de preto, as viúvas e senhoras mais velhas. À esquerda estão sentados os homens mais velhos da comunidade, atrás deles, os mais novos. Boa parte dos homens de chapéu e com um lenço amarrado no pescoço.

Figura 2: *Kerb* nos Idos de 1900.

Fonte: Disponível em:

<http://memoriadopovoalemao.blogspot.com.br/2010_01_01_archive.html> Acesso em 10 dez. 2015.

Chama a atenção que, como na pintura, a fotografia mostra uma hierarquização dos grupos, possível de se notar até pela própria descrição da reportagem. Mulheres de um lado, divididas entre jovens e viúvas, no centro os padres, e na frente a banda. Na pintura de Weingärtner também é possível notar uma hierarquização, pois, os músicos se encontram reunidos ao fundo da tela, os imigrantes que parecem mais bem-sucedidos financeiramente estão no canto direito, as senhoras, possivelmente as matriarcas, encontram-se próximas às janelas, e bem no canto esquerdo um grupo de homens. No entanto, a importante figura do padre não está presente na pintura.

A religiosidade no *Kerb* possuía uma importante função, uma vez que estava vinculada à sua origem. O *Kerb* trazia sua aura religiosa associada à comemoração, embora não se resumisse apenas a isso. Segundo Wolf, a festa tinha, no catolicismo, uma grande importância para os lavradores: “[...] pois trariam proteção ao seu gado e as suas plantações. Seria uma forma de ressaltar a sua identidade com aquela “comunidade” simbolizada pelo santo que a todos abençoaria [...]” (WOLF, 1999, p. 82). Poderia ser vista, também, como uma renovação dos votos com o santo da comunidade, pedindo que intercedesse por uma boa colheita anual, casos esses que eram estimulados pelos vigários, visando também que os fiéis seguissem os passos de seu santo padroeiro (WOLF, 1999).

Nas próximas linhas, serão abordados outros elementos associados aos bailes do *Kerb*, baseados em um olhar contemporâneo, seguindo o segundo eixo de análise proposto nesta pesquisa, e partindo da perspectiva das permanências, transformações e continuidades do baile.

Permanências, continuidades e transformações no baile do *Kerb*

Atualmente, ainda ocorre o baile do *Kerb* em determinadas localidades da região Sul do país, como por exemplo a *Kerbfest* de São Vendelino, de Dois Irmãos, de Ivoti, entre outros. Alguns elementos característicos das festas ao longo das últimas décadas foram se alterando significativamente, como a sua própria função. Antes os bailes eram vivenciados como espaços de sociabilidade e de manutenção dos laços das comunidades germânicas, tal qual representado por Weingärtner ao final do século XIX. Este modelo já não é mais uma referência, a festa que servia para fechar negócios e casamentos possivelmente não exista mais. Hoje ela possui um forte cunho comercial e turístico, ainda que vise preservar a cultura germânica por meio de elementos como comidas, músicas e vestes. Esses aspectos preservados, muitas vezes aparecem nas festas representados por componentes que povoam o imaginário da população, mas que nem sempre conferem como elementos da cultura alemã, como a utilização de algumas roupas folclóricas. Contudo, são também tentativas da manutenção da ideia de germanidade presente, sobretudo entre os descendentes dessa etnia, no interior do Rio Grande do Sul.

Nesse sentido, Beneduzi percebe um renascer étnico nas comunidades ítalo-brasileiras por intermédio da retomada das festas:

Cabe notar ainda que essas zonas de imigração italiana nas últimas duas décadas do século XX e nesta primeira do XXI têm experimentado um renascer étnico muito forte e a busca de reatar contatos e vínculos com a terra de proveniência dos antigos imigrantes. Prova disso são as inúmeras festas étnicas e os processos de *gemellaggio* (cidades irmãs) que envolvem tantos Municípios das antigas colônias imperiais dos Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Se, por um lado, esse movimento expressa um fenômeno econômico marcado pelo turismo étnico e pelo consumo de uma produção étnica [...] por outro, reflete – nas diferentes festas que celebram a memória dos antepassados ou na reconstrução de histórias familiares – uma busca afetiva da reconstrução do passado familiar e grupal: procura-se reter um vínculo com a terra de partida dos ancestrais, um *continuum* histórico que entrecruza passado e presente [...]. (BENEDUZI, 2014, p. 178).

O renascer étnico apresentado por Beneduzi traz um caminho de duas vias. Uma trilhada pelo resgate da memória destes descendentes que procuram a reconstrução da memória de seus antepassados; e outra via respaldada pelo turismo étnico que dialoga com os interesses políticos dos municípios, na tentativa de criar um espaço voltado para o consumo.

As representações do espaço também sofreram alterações. O espaço público, embora não seja o retratado por Weingärtner, funcionava como um cenário para elementos

importantes do baile, como o encontro para a missa que antecedia o festejo. Nessa lógica, o espaço público foi fundamental para a formação de uma sociedade e de uma identidade. Atualmente, a festa se mistura com a via pública. A rua é o espaço de formação da festa, é o local onde todos estão convidados a participar, independentemente de sua etnia. Ainda que a festa permaneça também como uma exibição ou valorização da cultura alemã nos *Kerbs*, ocorre um notório tom econômico e turístico, que expande as festas e a desloca em seu espaço. Tem-se, portanto, uma transformação na tradição mediante um deslocamento do espaço. Em algumas localidades, a festa não é feita dentro do salão, mas nas ruas e nas praças da cidade, facilitando o acesso a um número maior de pessoas, e dinamizando suas atividades turísticas e comerciais. Ao estudar o baile do *Kerb*, em São Carlos, na década de 1930, Wolf discorre sobre uma mudança significativa no seu espaço, pois antes desta data a coletividade definia e deslocava a festa conforme suas necessidades. Já em 1930, ela começou a ter seu local específico nas ruas da comunidade:

Até então, os espaços da sociabilidade – bailes e festas – eram transportados para onde a coletividade fosse. Seja a beira do rio Uruguai, seja o galpão de fumo, seja na casa do imigrante, ou uma clareira em um ponto alto da Vila, não importava, o espaço era criado. (WOLF, 1999, p. 83).

Entre as permanências, especialmente a religiosa, percebe-se que ela acabou perpetuando-se nos bailes dos *Kerbs* contemporâneos, embora ainda ocorra a missa como um rito de abertura das festas, o sentido e o significado deste processo mudou. Ela não seria mais celebrada na busca da benção para o sucesso das colheitas e da agricultura na comunidade, mas ela seria um rito que ocorre como parte de um costume.

Ao narrar a festa do *Kerb* na localidade de Venâncio Aires, no distrito da Linha Isabel, no Rio Grande do Sul, local esse onde teriam ocorrido mais de 100 bailes do *Kerb*, Paula Fernanda Ludwig e Gerson Roberto Neumann (2013) perceberam uma grande transformação que deixa para trás a ideia da *Kerb* retratada por Weingärtner, e nada mais tem a ver com o saudosismo ou a nostalgia outrora significativa nas comunidades teuto. Essa transformação do baile do *Kerb* pontua o processo de incorporação de elementos brasileiros às comemorações; apresenta a interação e a assimilação da cultura brasileira nos bailes, bem como veremos mais adiante, também na região do Morro dos Bugres.

Há cerca de trinta anos, houve mudanças na tradição. A missa passou a ser realizada no sábado, não mais em conjunto com a Eucaristia. O baile com o leilão acontece pela noite e, no domingo, as turmas de *Kerb* passam pelas casas. [...] As turmas são compostas pelo que chamamos de “palhaços” (homens fantasiados). [...] Verifica-se que os membros da comunidade elegem o dia do *Kerb* para promover a diversão, a folia que se espalha e é

levada de casa em casa na localidade. (LUDWIG; NEUMANN, 2013, p. 151).

O *Kerb*, em Venâncio Aires, evidencia novamente que a festa passou por uma mudança no seu espaço. Ela não fica mais legada ao salão ou ao interior da igreja. No caso específico da comunidade de Venâncio, a festa invade as ruas e as moradias. Uma vez que as turmas do *Kerb* passam nas casas chamando os moradores para juntar-se aos festejos. Ao concluir, Ludwig e Neumann, deixam claro a nova função da festa: “No *Kerb*, observa-se não apenas a promoção do riso e o uso das máscaras e fantasias, mas, também, o efeito que tal vestimenta provoca [...] ergue-se um objetivo comum que une a todos, que é o de festejar, longe da seriedade e das preocupações cotidianas.” (LUDWIG; NEUMANN, 2013, p. 154). Pode-se perceber a incorporação das fantasias como um elemento que lembra os carnavais no Brasil, e distancia-se da cultura alemã. A figura 3, a seguir, traz uma propaganda da festa do *Kerb*, retirada do artigo de Ludwig e Neumann, mostrando aspectos muito diferentes da imagem retratada por Weingärtner.



Figura 3: Propaganda do baile do *Kerb* e *Nakerb*.

Fonte: LUDWIG, Paula Fernanda. NEUMANN, Gerson Roberto. A constituição da identidade em meio ao conflito de diferentes: um estudo de caso no contexto da imigração.

Em referência às comunidades italianas no Sul do Brasil e suas comemorações, Beneduzi apresenta o seguinte aspecto sobre seu crescimento:

A identidade atual dos *Talian* – descendentes de italianos – um termo que também pode ser substituído por ítalo-gaúchos, funde-se com a de seus ancestrais na manutenção das tradições pátrias. Ela se expressa nas diversas comemorações que crescem em tamanho e quantidade, festas celebrando uma infinidade de produtos e tradições: festa do vinho, do queijo, da vindima, da uva, do champanhe, do colono; comemorações que

produzem uma constante resignificação dessa especificidade de uma cultura italiana. (BENEDUZI, 2011, p. 260).

Diferente dos objetivos do baile do *Kerb* de Venâncio Aires, as comemorações étnicas apresentadas por Beneduzi, elaboradas pelos descendentes ítalo-gaúchos, serviriam como uma forma de reviver o passado, ou como a construção de uma ponte entre o presente e o passado, conforme identifica:

Mesmo marcado pelo desaparecimento da tradição, o hoje das comunidades de descendência italiana é lido a partir de uma folclorização do passado, que produz a reificação desses traços de uma cultura ancestral, construindo um efeito de permanência dessas relações e desse mundo passados. (BENEDUZI, 2011, p. 260).

Outro exemplo de festa encontra-se nas palavras de Felipe Kuhn Braun, ao analisar o baile do *Kerb* no Morro dos Bugres (Distrito de Santa Maria do Herval), festa que acontece no mês de abril, anualmente, tendo como padroeiro São Francisco Xavier. No seu relato, é possível identificar aspectos culturais do *Kerb* de antigamente, mas também se nota o processo de interação cultural, em que elementos da cultura gaúcha foram incorporados aos festejos:

Logo após a missa quase toda a comunidade se dirige ao salão onde é feita uma grande janta de *Kerb*. Os homens já no dia anterior preparam a carne para o churrasco, marcante na culinária gaúcha e as mulheres lavam e cozinham as batatas, ovos, cenouras, para a maionese, fazem as cucas e preparam a salada que será servida no sábado, rabanete, tomate, alface e o tradicional chucrute, repolho azedo. (BRAUN, 2009, s/p).

Um dos aspectos de permanência dos bailes em geral que se notou, refere-se à fartura alimentar que permanece como destaque nas festas. Os alimentos ditos típicos da Alemanha, como a cerveja, as cucas, o chucrute e as linguiças estão sempre presentes nesses espaços. Braun segue narrando que, durante a missa, a comunidade canta tradicionais cantos alemães; as comidas servidas no salão seriam uma mescla das duas culturas, mas demarca sempre a fartura, especialmente da cerveja. Existe, aqui, claramente, um processo de aculturação entre os ritos da Alemanha que compõem o *Kerb* e a cultura gaúcha, como a introdução do churrasco nas comemorações. Um dos elementos que Braun identifica como uma permanência seria, portanto, a fartura alimentar das casas, além de identificar o dialeto alemão sendo falado. Outro elemento seria que, ao longo do baile, as bandinhas tocam as músicas e marchinhas antigas da Alemanha (BRAUN, 2009).

Sobre o *Kerb*, ou melhor o *Kanoa Kerb Fest*, do Sagrado Coração de Jesus, Jonas Henrique Schommer (2013, s/p) apresenta o seguinte cenário:

O Sagrado vivencia o *Kerb* tendo como premissa a busca por uma continuidade de suas características originais sem, contudo, deixar de lado as transformações da sociedade atual. Temos mantido a maioria das trações do *Kerb* original, lapidando-o de modo a torná-lo apropriado aos nossos dias.

Entre os elementos narrados por Schommer, a festa ainda conta com a missa e com o coral, que recita as músicas folclóricas, além das danças, e das demais cantigas que relembrem as histórias vividas pela comunidade desde a chegada dos primeiros imigrantes no Brasil. A festa conta, ainda, com um espetáculo de fogos de artifício, que pode ser considerado um elemento novo no baile. As jantãs do *Kerb* também rememoram as comidas tradicionais alemãs, e não faltam: “Schweine brode (carne de porco assada), chopp (ou cerveja), chucrut (repolho cozido em conserva), linguiça, rabanete, cuca e saladas diversas.” (SCHOMMER, 2013, s/p). Os trajes típicos são elaborados essencialmente em razão da festa, e esse elemento também é encontrado nas narrativas dos *Kerbs* do século XIX, em que as roupas novas eram guardadas ou adquiridas em função do baile. Outra característica que perdura nos dias atuais seria a mobilidade, tal como a estadia dos visitantes e familiares que vêm de longe para apreciar a festa no Sagrado Coração de Jesus (SCHOMMER, 2013).

Sobre esse processo de interação cultural, ao analisar os festejos dos grupos ítalo-brasileiros, Beneduzi discorre sobre a (re)apropriação de elementos da cultura italiana, e a forma como eles foram representativos da italianidade no Sul do país, por sua permanente presença nas festas comemorativas:

Ou seja, na nova terra, utilizando-se de elementos que eram parte do seu cotidiano na terra de proveniência, esses imigrantes foram criando uma representação de italianidade, que se foi consolidando nas experiências de comemoração étnica – como nos cinquenta, cem ou cento e vinte e cinco anos da imigração – ou no olhar do outro, o nacional, que, pouco a pouco, entrou em contato com esse grupo de estrangeiros (BENEDUZI, 2011, s/p).

É possível perceber que o baile do *Kerb* foi passando por uma transformação ao longo dos anos, buscando adaptar-se às necessidades do grupo, uma vez que, em sua origem, possuía um forte cunho religioso, e depois o baile passa a ter maior importância como um espaço social e de trocas em diversas instâncias. Hoje, as festas de *Kerb*, que ainda existem em muitas localidades do Brasil, mas especialmente no interior da região Sul, ganharam uma ressignificação, pois elas se tornaram mais um espaço comercial e até

turístico do que um local de manutenção da cultura e identidade dos teuto-brasileiros. Relembrando ainda a importância do processo de aculturação entre os grupos, uma vez que a cultura foi se mesclando entre os descendentes de alemães, ela também foi se adaptando entre as duas culturas, a alemã e a brasileira, e, portanto, alterando e (re)adaptando seu significado.

Considerações finais

Sobre os dois eixos analíticos, pode-se afirmar que o primeiro – a análise da tela *Kerb* – tornou-se um exemplo da importância das imagens como fonte para a história, pois além de trazer consigo um leque de informações da cultura, cotidiano, e hábitos dos imigrantes, também pôde ser vista como um lugar de memória. Um lugar de memória do próprio pintor, ou ainda lugar da memória daqueles grupos que se identificam com essa cultura, e que representam uma parte de suas histórias e de suas vivências. Além disso, essa tela abre uma perspectiva para pensar em diferentes questões, como a importância das redes sociais, dos espaços de sociabilidades, dos tipos sociais que frequentavam tais espaços, a relevância das vestimentas e dos acessórios para determinados grupos, enfim, diversas possibilidades interpretativas foram abertas por meio da análise desta imagem, pontuando o mérito das iconografias como fonte para a investigação histórica. É importante sublinhar, como argumenta Paiva (2004, p. 19), que: “[...] a imagem não se esgota em si mesma. Isto é, há sempre muito mais a ser aprendido, além daquilo que é, nela, dado a ler ou a ver.” Sempre ocorrerão lacunas, silêncios, códigos que deixamos passar. Nesse sentido, é possível concordar com o que Louis Marin (1996) pondera sobre a existência de uma grande diferença entre ver e enxergar no que se refere à análise das imagens. As considerações de Marin lembram, ainda, que ver e enxergar são coisas distintas, e que, portanto, ler um quadro exige atenção do espectador, tal qual ler um texto escrito. O exercício da análise de imagens necessita de aparato teórico e metodológico específico para além da simples observação. Marin traz a seguinte reflexão: “Olhar um quadro não é perceber um objeto. Não é tão simplesmente ver.” (MARIN, 1996, p. 125).

O segundo eixo, por sua vez, apresentou uma nova forma de vivenciar e lembrar o *Kerb*. Antes o baile era vivenciado como um espaço de construção identitária. Atualmente, para além de uma manutenção da identidade, ele é utilizado pelo poder público – em especial – para promover o comércio e o turismo étnico. É possível que, para não desaparecer esses ritos, tenham que passar ainda por outras transformações. Percebe-se que a apropriação de elementos brasileiros e de novos ritos, como as vestimentas de palhaço, o deslocamento espacial, estejam vinculados ao atual cenário do *Kerb*, dando uma

nova roupagem às tradicionais festas germânicas. A perda dos costumes é um fator degenerativo que vai ocorrer com maior frequência, como foi possível perceber ao longo do texto. A manutenção dos *Kerbs* no seu sentido mais cultural do que comercial, nesse momento, fica por incumbência dos pequenos municípios do interior do Rio Grande do Sul. O baile vai depender das futuras gerações de descendentes de alemães para se perpetuar e permanecer na memória da população; se reinventando e se adequando ao contexto e aos novos personagens que nele se inserem a cada ano.

Recebido em: 21/12/2015

Aprovado em: 09/01/2016

NOTAS

¹ Originário da palavra alemã *Kirchweih* que quer dizer inauguração da igreja, com o advento da imigração alemã. (MORAES, 2005, s/p).

² Obteve-se a seguinte informação sobre a fundação da Sociedade: “fundação da Sociedade Orpheu, o primeiro clube social criado na área urbana de São Leopoldo, em 20 de janeiro de 1858”. (RAMOS, 2000, p. 84).

³ Embora seja importante atentar que alguns estudiosos da imigração no Brasil não discordem da Tese de isolamento, como Marcos Justo Tramontini, Marcos Antônio Witt e Roland Spliesgart.

REFERÊNCIAS:

AUMONT, Jacques. A imagem. 4ªed. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

BENEDUZI, Luis Fernando. Os fios da Nostalgia. Perdas e Ruínas na construção de um Vêneto Imaginário. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

_____. *Vivendo em um entre-lugar: um olhar sobre a experiência dos ítalo-brasileiros na Itália*, Narrativas de Gênero – Relatos de História Oral: experiências de ítalo-brasileiros na Itália-contemporânea. Vitória: Edufes - Editora da Universidade Federal do Espírito Santo, 2014.

BOSAK, Joana. A moda no museu: o acervo do MARGS e uma história da indumentária local. In: 11º COLÓQUIO DE MODA, 8ª ed., 2015, São Paulo. Anais... São Paulo: GT de História Cultural, 2015. p.1-10.

BRAUN, Felipe Kuhn. *Kerb no Morro dos Bugres*. Disponível em: <<http://imigracaoalemanosuldobrasil.blogspot.com.br/2009/12/kerb-em-morro-dos-bugres.html>>. Acesso em: 2 dez. 2015.

BURKE, Peter. Testemunha Ocular: História e imagem. Bauru: EDUSC, 2004.

CHARTIER, Roger. *Escribir las prácticas*: Foucault, de Certeau, Marin. Argentina: Manantial, 1996.

FRANÇA PAIVA, Eduardo. A iconografia na história – indagações preliminares. In: FRANÇA PAIVA. *História & Imagens*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, Trabalho e Cotidiano. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Íris. (Orgs.). *Festa, Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Edusp, 2011, p. 969-975.

GUIDO, Ângelo. *Pedro Weingärtner*. Porto Alegre: Divisão de Cultura – Diretoria de Artes da Secretaria de Educação e Cultura, 1956.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2008.

LUDWID, Paula Fernanda. NEUMANN, Gerson Roberto. A constituição da identidade em meio ao conflito de diferentes: um estudo de caso no contexto da imigração. *Antares*. Caxias do Sul, v. 5, n. 10, p. 134-156, jul./dez. 2013.

MALTZAHN, Paulo César. *A construção da identidade étnica teuto-brasileira em São Lourenço do Sul (década de 1980 até os dias atuais)*. 2011. 335 f. Tese (Doutorado em História Cultural). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 2011.

MARIN, Louis. Ler um quadro: uma carta de Poussin em 1639. In: CHARTIER, Roger. *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p. 117-140.

MENASCHE, Renata; SCHMITZ, Leila Claudete. Agricultores de origem alemã, trabalho e vida: saberes e práticas em mudança em uma comunidade rural gaúcha. In: VII Congreso de La Asociación Latinoamericana de Sociología Rural, 2006, Quito. *Anais...* Quito, 2007.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. n. 10, p. 07-28, São Paulo: PUC, dez. 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O Mundo da imagem: território da história cultural. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy, SANTOS, Nádia Maria Weber, ROSSINI, Mirian de Souza (Orgs.). *Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural*. Porto Alegre: Asterisco, 2008.

RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz. *O teatro da sociabilidade: os clubes sociais como espaço de representação das elites urbanas alemãs e teuto-brasileiras - São Leopoldo 1858-1930*. 2000. 275 f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, RS, 2000.

SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo das imagens: Ensaio sobre a cultura visual na Idade Média*. Bauru-SP: EDUSC, 2007.

SCHOMMER, Jonas Henrique. *Kerb: A história viva do Sagrado Coração de Jesus*. Disponível em: <<http://level-pro.blogspot.com.br/2013/11/kanoa-kerb-fest-tradicao-e-folclore.html>> Acesso em: 04 dez. 2015.

SEYFERTH, Giralda. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: VASCONCELLOS, Naira; MAUCH, Claudia. (Orgs.). *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: Editora: ULBRA, 1994.

TARASANTCHI, Ruth Sprung. *Pedro Weingärtner 1853-1929: Um artista entre o Velho e o Novo Mundo*. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2009.

TURAZZI, Maria Inez. *Iconografia e Patrimônio: O Catálogo da Exposição de História do Brasil e a fisionomia da nação*. RJ: Fundação da Biblioteca Nacional, 2009.

WOLF, Juçara Nair. Festa do Kerb: Espaços de Sociabilidade, Conflitos e Resistências. In: *Cadernos do CEON*, v. 13, n. 11, 1999.